

APRESENTAÇÃO

A publicação recente da coletânea *Or Words to That Effect: Orality and the writing of literary history* (John Benajjamins, 2016), organizada pelos pesquisadores canadenses Daniel F. Chamberlain e J. Edward Chamberlin, sob demanda da International Comparative Literature Association, trouxe para o debate a necessidade de se pensar uma historiografia literária que contemplasse mais acuradamente produções escritas que, de alguma forma, se inscrevessem no universo das culturas orais. Alavancada pelos Estudos Culturais, os colaboradores desta coletânea, pertencentes à África, Europa, América do Norte e do Sul, chamam a atenção para a interdependência entre o narrador/contador de histórias e o escritor. De certo modo, o debate ecoa as ideias de Milman Parry que, ao estudar os épicos homéricos no final dos anos 20, assinalava a particularidade de um texto que chegava para nós na forma escrita, mas cujo mecanismo de produção pressupunha sua imersão numa cultura oral.

Ao longo do século passado, várias ideias foram se agregando ao debate e é inegável, no campo literário, principalmente no que toca os estudos medievais, a contribuição de Paul Zumthor que, entre outras coisas, emancipa o texto poético de circulação oral das teorias folclóricas, expandindo o estudo da voz para além de seu registro escrito. Conceitos como índice de oralidade, movência, intertextualidade e intervocalidade foram fundamentais para que o pesquisador, sobretudo da literatura, considerasse os textos em seu contexto de produção, circulação e armazenamento. Na América Latina, os ensaios de Cornejo Polar e Antonio Candido, entre outros, chamaram a atenção para o talhe de uma literatura profundamente enraizada que, ao circular oralmente, expressa *mutatis mutandis* uma poética voltada para os anseios coletivos e necessidades básicas de grupos sociais. Chama-se, ainda, a atenção para a investigação do venezuelano Carlos Pacheco que se encontra em estreita consonância com as teorias de Walter Ong e Eric Havelock. Em sua *La comarca oral: La Miscelânea*, Assis, v. 21, p. 7-10, jan.-jun. 2017. ISSN 1984-2899

ficcionalização de la oralidad cultural en la narrativa latinoamericana contemporânea (Ediciones La Casa de Bello, 1992), Pacheco debruça-se sobre a obra de Guimarães Rosa, Augusto Roa Bastos e Juan Rulfo apontado para como suas literaturas colocam em tensão uma poética e um saber produzidos oralmente em constante conflito com a cultura escrita. Deve-se observar que, no Brasil, mais especificamente a partir dos anos 90, o número de pesquisas em torno da oralidade avançou consideravelmente, perfazendo um amplo arco que vai do testemunho aos cantos festivos, da construção identitária ao experimentalismo com a voz.

Esta edição da revista *Miscelânea* oferece ao leitor um conjunto de treze artigos voltados para os estudos literários e a oralidade, alguns envolvendo o conceito de circularidade entre culturas e outros debatendo as tensões entre voz e escrita, representações coletivas e experimentais das poéticas orais. No primeiro deles, intitulado “RELAÇÕES ENTRE ORALIDADE E ESCRITA NA COMUNICAÇÃO: SANKOFA, UM PROVÉRBIO AFRICANO”, Florence Marie Dravet (UCB) e Alan Santos de Oliveira (UnB) propõem a revisão de vários conceitos sobre as formas de comunicação ditas “primitivas” ao estudarem o provérbio africano *sankofa*, símbolo dos grupos étnicos da Costa do Marfim e de Gana.

No segundo artigo, “ORALIDADE E AUDITIVIDADE: TENTATIVA DE UM MAPEAMENTO TEÓRICO”, Gabriel Borowski, doutor pela Universidade Jaguelônica de Cracóvia, propõe uma revisão dos conceitos de “auditividade” e “oralidade”, o primeiro sugerido por Antonio Candido e desenvolvido posteriormente por Luiz Costa Lima, João Cezar de Castro Rocha e Marília Librandi-Rocha, e o segundo por Marisa Lajolo.

Maria de Fátima R. Medina e Maria Aparecida Medina (CEULP/TO), analisam no artigo “ABOIO: POESIA E CANTO NO COMPASSO DO GADO”, o “aboio” dos vaqueiros do Vale do Pampã/MG como sentimento de expressão poética, estética, primitiva e performática.

No artigo “A IMAGINAÇÃO COMO ANTÍDOTO: UMA ANÁLISE DE *ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS EM CORDEL*, DE JOÃO GOMES DE SÁ”, Eliane Aparecida Galvão R. Ferreira (UNESP) e Guilherme Magri da Rocha (UNESP) buscam analogias entre as poéticas do oral e do escrito ao estudarem a adaptação de *Alice* para a literatura de cordel.

As histórias contadas pela *yalorixá* Mãe Beata de Yemonjá, e publicadas em um livro de contos, são analisadas por Juliana Franco Alves-Garbim (UNESP) no artigo “POR UMA ESTÉTICA DA VOZ: O BELO E O POÉTICO EM *HISTÓRIAS QUE A MINHA AVÓ CONTAVA*, DE MÃE BEATA DE YEMONJÁ”. A autora investiga a relação entre a poética oral em meio letrado e os aspectos estéticos que se coadunam à produção literária.

Fabiana Giovani e Moacir Lopes de Camargos, ambos docentes da Universidade Federal do Pampa (RS), discutem duas obras poéticas escritas em “portunhol” por Fabián Severo no artigo “POESIA E FRONTEIRA: COTIDIANO, VIDA, ARTE”, procurando demonstrar, por um viés sociológico, que a língua, para o poeta, é completamente permeada por entonações vivas, avaliativas e por orientações sociais, com as quais ele luta no seu processo de criação estética.

No artigo “ENTRE A LETRA E A MELODIA: A IRREVERÊNCIA DE WALY SALOMÃO”, Sirley da Silva Rojas Oliveira (IFMS), analisa poemas de Waly Salomão musicados por Jards Macalé e Adriana Calcanhoto, buscando ressaltar, na relação entre música e poesia, suas semelhanças, tensões e diferenças, no contexto das mudanças culturais ocorridas entre as décadas de 1960/70 e a atual.

Em “CONDIÇÃO VANGUARDISTA, POLIPOESIA E FUNÇÃO-AUTOR: CONSIDERAÇÕES SOBRE A OBRA DE ENZO MINARELLI”, Frederico Fernandes (UEL) volta-se para o debate sobre voz e performance, demonstrando como o universo da oralidade e vocalidade abrangem a produção poética nas vanguardas. Seu enfoque recai sobre a obra do polipoeta italiano Enzo Minarelli, cujo Manifesto da Polipoesia completa 30 anos em 2017.

No artigo “LETRAS DE AMOR E MORTE EM UM CONTO DE JOÃO ANTÔNIO NETO”, Luís Fernando B. Barth (UFRGS) e Célia Maria D. da Rocha Reis (UFMT), analisam o conto “A morte às soltas”, de João Antônio Neto, na perspectiva comparada entre Literatura e Psicanálise, cujo enredo se organiza em torno da leitura equivocada de determinada expressão em um bilhete e a escolha seletiva de situações pelo personagem protagonista, que inventaria a sua própria morte. O lapso de leitura e a escansão dos significantes em jogo possibilitam, segundo os autores, a investigação das vicissitudes do amor, enquanto um lugar vazio, e os efeitos da letra para o sujeito do inconsciente.

Em “CONTAR HISTÓRIAS: A INFINITA VIAGEM NOS ROMANCES DE MIA COUTO”, Daniela de Brito (UNESP) estuda em três romances de Mia Couto, *A varanda do frangipani*, *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* e *O outro pé da sereia*, as viagens imaginárias realizadas por seus personagens enquanto contam (suas) histórias ou ouvem alguém contá-las.

Luciana Miranda Marchini (USP) investiga como se deu a escritura da autobiografia *Princesa* (1994), escrita na Itália por um travesti brasileiro preso no cárcere de Rebibbia (Roma). O artigo, intitulado “*PRINCESA: DOS RELATOS ORAIS À ESCRITURA*”, explica as etapas de escritura da obra,

desde os relatos orais e manuscritos até a versão escrita e definitiva elaborada pelo ex-brigadista italiano Maurizio Iannelli.

Em “PERFIL HÍBRIDO DE JOAQUIM NABUCO: AUTOR COSMOPOLITA E NATIVISTA NO OITOCENTOS BRASILEIRO”, Éverton Barbosa Correia (UERJ) procura traçar um perfil de Joaquim Nabuco como autor literário no Oitocentos brasileiro, na tentativa de demonstrar que a forma de sua prosa, “seu fraseado”, indica a existência de uma *persona* literária que se constrói na escritura dos libelos que pretendiam interferir na ordem dos acontecimentos.

E, por fim, Raffaella Fernandez (UFRJ) e Janaína da Silva Sá (UFSM) propõem um “UM OLHAR DA SENZALA AO RÊS-DO-ALPENDRE” meio que de “soslaio”. Neste artigo as autoras analisam *Diário de Bibita*, de Carolina Maria de Jesus, obra em que, segunda elas, Carolina descreve a experiência de vida levada *longe da sombra do alpendre*, de modo que as memórias narrativas serão averiguadas do ponto de vista da senzala, do mucambo, da choça e do terreiro.

Finalmente, agradecemos a colaboração de todos que, gentilmente, enviaram seus artigos, possibilitando que este número perfizesse um panorama considerável das pesquisas em poéticas da voz e da oralidade desenvolvidos na academia atualmente. A oralidade penetra vários debates sobre a produção artística e literária na atualidade, como nos lembra o crítico português, Ernesto Sousa, em seu ensaio “Oralidade, futuro dar arte?”, quando a crítica ignora a presença marcante e intensa da voz, ela rouba o que há de mais precioso em seu processo de criação: a liberdade do fazer!

Desejamos a todos uma agradável e proveitosa leitura!

Assis, 20 de maio de 2017.

Francisco Cláudio Alves Marques
Frederico Augusto Garcia Fernandes